

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Educação e Artes
Curso de Psicologia

Bárbara Cibeles Frank Henrique Faria de Souza
Nathalie Paixão de Oliveira
Pablo da Silva Santos

**O LUTO DE PAIS PELO SUICÍDIO DE SEUS FILHOS SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA**

São José dos Campos
2025

Bárbara Cibeles Frank Henrique Faria de Souza

Nathalie Paixão de Oliveira

Pablo da Silva Santos

**O LUTO DE PAIS PELO SUICÍDIO DE SEUS FILHOS SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA**

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador (a): Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

São José dos Campos

2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Souza, Bárbara
O LUTO DE PAIS PELO SUICÍDIO DE SEUS FILHOS SOB A PERSPECTIVA
FENOMENOLÓGICA / Bárbara Souza; Nathalie Oliveira; Pablo Santos;
orientadora, Débora Inácia Ribeiro. - São José dos Campos, SP,
2025.
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale
do Paraíba, São José dos Campos. Psicologia.

Inclui referências

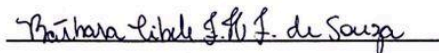
1. Psicologia. 2. Pais enlutados. 3. Suicídio. 4.
Fenomenologia. 5. Psicologia. I. Oliveira, Nathalie. II. Santos,
Pablo. III. Inácia Ribeiro, Débora, orient. IV. Universidade do
Vale do Paraíba. Psicologia. V. Título.

Eu, Bárbara Souza, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 16 de Dezembro de 2025.



Autor(a) da Obra

Data da defesa: 11 / 12 / 2025

Bárbara Cíbele Frank Henrique Faria de Souza
Nathalie Paixão de Oliveira
Pablo da Silva Santos

O luto de pais pelo suicídio de seus filhos sob a perspectiva fenomenológica

Relatório final de pesquisa aprovado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação II do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro (UNIVAP) Débora Inácia Ribeiro
Profa. Ma. Ana Karina de Castro Britto (UNIVAP) Azute
Prof. Dr. Lauro Take Tomo Veloso (UNIVAP) Lauro T. Tomo Veloso

Nota: 10 (dez)

Profa. Dra. Ana Enedi Prince Silva
Diretora da Faculdade de Educação e Artes – FEA/UNIVAP
São José dos Campos, 11 de dezembro de 2025.

Dedicamos este trabalho, sobretudo, aos pais que vivenciam o luto pelo suicídio de seus filhos, reconhecendo sua dor, sua história e a dignidade de seu sofrimento. Que estas páginas sejam um gesto de respeito, memória e humanidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, à nossa orientadora, que, com sua delicadeza, seu acolhimento e sua escuta atenta, nos ofereceu apoio e suporte, permitindo que este trabalho se constituísse como um espaço de reflexão e construção de conhecimento. Agradecemos, ainda, aos demais professores que, ao longo da graduação, nos atravessaram com seus ensinamentos, contribuindo para a construção de um olhar sensível e crítico, e para o cultivo, em nós, da semente da Psicologia.

Aos nossos familiares, como mães, pais, avós e companheiros, expressamos nosso agradecimento pelo apoio cotidiano, pelo afeto e pela compreensão, sobretudo nos momentos de ausências e dificuldades. O cuidado de vocês foi a base para que pudéssemos chegar até aqui.

Aos amigos que compartilharam essa jornada conosco, agradecemos pelas trocas, pelos abraços e por cada riso. Juntos, dividimos dificuldades, mas também muitos momentos de leveza, e isso, sem dúvidas, sustentou nossos caminhos.

Por fim, agradecemos a todos que, ainda que indiretamente, fizeram parte dessa trajetória e contribuíram para que este trabalho pudesse florescer, como flor e como fruto, de um processo que nos transformou e que seguirá ressoando em nossas vivências.

*“Impensável morrer
Impossível aceitar
Improvável não sofrer
Inevitável ser feliz
Imperdível o tempo por aqui...
Inesquecível é o Amor.”*

(Ana Cláudia Quintana Arantes)

Resumo

Essa pesquisa investigou as especificidades do luto de pais diante da morte auto infligida de um filho, analisando especialmente os aspectos sociais e culturais que envolvem essa vivência. Para isso, foi utilizada a perspectiva fenomenológica, a fim de compreender os aspectos subjetivos que marcam a experiência do luto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória. Diante dos resultados encontrados, foi possível compreender que o luto parental por suicídio apresenta particularidades marcadas pela ruptura do ciclo vital esperado, pelo intenso impacto emocional e pelo estigma social, intensificando sentimentos como culpa, impotência e vergonha. A partir da perspectiva fenomenológico-existencial, entendeu-se que essa perda pode gerar abalos na identidade dos pais, rompendo o *ser-com* e afetando a forma como se percebem no mundo. Ainda, foi identificado que a negação, o apoio social, a espiritualidade e a busca de sentido constituem as principais estratégias utilizadas no enfrentamento dessa perda. Por fim, verificou-se que as ações de posvenção no Brasil são insuficientes e revelam lacunas nas políticas públicas e na rede de atenção voltadas aos sobreviventes enlutados.

Palavras-chave: Pais enlutados; Suicídio; Fenomenologia; Psicologia.

Abstract

This research investigates the specificities of parental grief faced with the self-inflicted death of a child, analyzing the social and cultural aspects that characterize this experience. The phenomenological-existential perspective was utilized to understand the subjective aspects that mark the experience of grief. This is a bibliographical study, with a qualitative and exploratory approach. In view of the results found, it was possible to comprehend that the grief of parents presents particularities marked by the rupture of the expected life cycle, by the intense emotional impact and by social stigma, intensifying feelings such as guilt, helplessness and shame. From the phenomenological-existential perspective, it was understood that this loss may produce profound changes to parents' identity, disrupting their being-with and affecting how they perceive themselves in the world. Furthermore, it was identified that denial, social support, spirituality and search for meaning constitute the main strategies used to cope with the loss. Finally, it was found that post-prevention actions in Brazil are insufficient and reveal gaps in public policies and in the care network for bereaved survivors.

Keywords: Bereaved parents; Suicide; Phenomenology; Psychology.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	OBJETIVOS	11
2.1	OBJETIVO GERAL	11
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3.	JUSTIFICATIVA	12
4.	MÉTODO	13
5.	REVISÃO DE LITERATURA	14
5.1	COMPREENSÕES SOBRE O LUTO E O SUICÍDIO	14
5.1.1	Primeiras compreensões sobre o luto	14
5.1.2	Principais definições e modelos teóricos	14
5.1.3	Aspectos psicológicos e emocionais	17
5.1.4	Aspectos culturais e sociais	17
5.1.5	Tipos de luto	18
5.1.6	Perspectiva histórica	20
5.1.6.1	Da antiguidade à contemporaneidade	20
5.1.6.2	Luto e a medicalização do sofrimento	20
5.1.6.3	O luto na contemporaneidade	21
5.2	DEFINIÇÃO E ESPECIFICIDADES EM TORNO DO SUICÍDIO	22
5.2.1	O processo de luto diante da morte por suicídio	23
5.3	PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL	25
5.3.1	Contextualização da teoria	25
5.3.2	Ser-para-a-morte em Heidegger	28
5.3.3	O luto parental por suicídio sob a perspectiva Fenomenológica-Existencial	29
5.3.4	A angústia da finitude subvertida	30
5.3.5	Culpa e a busca clínica pela existência autêntica no luto	31
6.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
6.1	ESPECIFICIDADES DO LUTO DE PAIS PELA MORTE AUTO INFLIGIDA DE FILHOS	32
6.1.2	A dor pela perda do filho e a construção da identidade dos pais	33
6.1.3	Culpabilização e repercussões psicossociais	34
6.1.4	Parentalidade	36
6.1.5	Estratégias de enfrentamento	37

6.2	POSVENÇÃO AO SUICÍDIO.....	38
6.2.1	Políticas públicas e a posvenção no Brasil.....	39
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Entende-se o luto como um processo natural decorrente da perda de um objeto significativo, como a morte de um ente querido, sendo vivido de forma singular e influenciado por aspectos sociais e culturais que permeiam essa experiência (Sousa, 2016). Com base nessa autora, trata-se de um fenômeno que pode envolver sentimentos de saudade, tristeza, raiva, desânimo, sensação de choque, perda do interesse pelo mundo externo, entre outras manifestações emocionais e comportamentais que, em alguns casos, diante de dificuldades no processo de enfrentamento, podem levar a um comprometimento significativo da saúde física e mental dos enlutados.

A vivência do luto por parte de pais que perderam filhos por suicídio, por sua vez, pode ser considerada um processo especialmente desafiador e intenso, em razão não só dos estigmas sociais associados ao suicídio, mas também da invisibilidade da dor vivida por esses enlutados (Tochetto; Conte, 2022). As autoras ainda destacam que a morte de um filho muitas vezes é compreendida como uma quebra do ciclo vital esperado, em que normalmente os pais falecem antes dos filhos, amplificando esse sofrimento.

Nessa perspectiva, Fukumitsu e Kovács (2016) afirmam que aqueles que se deparam com a passagem ao ato de suicídio de um ente querido costumam ser denominados mais do que enlutados, mas “sobreviventes”, haja vista a intensa demanda psíquica envolvida na elaboração desse tipo de luto. Surgiu, assim, o seguinte questionamento: como acontece o processo de luto de pais que perderam um filho por suicídio?

Uma possível resposta a essa questão se dá na natureza traumática do suicídio que é, geralmente, inesperada, violenta e sem justificativas imediatas, observando assim uma experiência de choque mais significativa (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022). Além disso, conforme apontam os autores, há múltiplas questões adicionais específicas desse tipo de luto, como as cobranças sociais, o que pode provocar sentimento de culpa, auto acusação e vergonha. Outro fator importante a ser considerado são os sentidos e significados dados pelo indivíduo à sua experiência de perda, pois, como Feijoo (2018) destaca, na investigação fenomenológico-existencial, eles também são responsáveis por moldar

profundamente a vivência da dor, tornando-se fundamental que sejam compreendidos.

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo compreender a dor da perda sentida por pais diante da morte auto infligida de seus filhos, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. O foco esteve tanto no processo individual desses enlutados, como também nos desdobramentos que advém dos processos sociais envolvidos na experiência de luto, a sua dialética com a afetação do campo individual do Ser e a influência de seus fenômenos na constituição psíquica.

Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura disponível sobre o tema, incluindo, dessa forma, os fenômenos psíquicos e socioculturais que o circundam. Ademais, as análises e conclusões basearam-se, especialmente, em dados qualitativos.

No que tange à estruturação interna do trabalho, este se dividiu em: na primeira parte, foram apresentados o conceito de luto e de suicídio, e as suas diferentes dimensões; na segunda, foi abordada a perspectiva da Fenomenologia Existencial em relação ao fenômeno, sugerindo, após, possíveis contribuições da psicologia, sobretudo no campo da intervenção clínica, com foco em oferecer suporte adequado para os profissionais de saúde mental e aos pais enlutados. Já na seção de resultados e discussões, os autores exploraram as especificidades do luto de pais pela morte autoinfligida de filhos, assim como as principais políticas públicas de posvenção ao suicídio, contribuindo com uma compreensão biopsicossocial do fenômeno estudado e suas implicações na relação parental.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Este estudo buscou investigar, sob a perspectiva da Fenomenologia Existencial, as especificidades do luto de pais diante da morte auto infligida de um filho, analisando sobretudo os aspectos sociais e culturais que permeiam essa vivência.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos, por sua vez, se dividiram em:

- a) Compreender as bases conceituais e históricas do luto e do suicídio, com foco nos aspectos psicológicos, sociais e culturais;
- b) Diferenciar o luto de pais ocasionado pelo suicídio de seus filhos e o luto decorrente de outras formas de morte, considerando as particularidades envolvidas na primeira experiência;
- c) Analisar o fenômeno do luto por suicídio a partir da perspectiva da Fenomenologia Existencial, destacando as vivências subjetivas dos enlutados.

3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho justificou-se, em primeiro lugar, pelo interesse dos autores em ampliar a compreensão acerca das especificidades e dos desafios presentes no luto de pais que enfrentam a perda de filhos por suicídio, sob o olhar da fenomenologia. Trata-se de um processo particularmente intenso, haja vista os estigmas sociais que ainda cercam o suicídio, a invisibilidade da dor desses enlutados e, ainda, a ruptura do ciclo vital esperado, em que os pais geralmente partem antes dos filhos. Desse modo, buscou-se contribuir para a elaboração do sofrimento vivenciado, oferecendo elementos que pudessem favorecer um acompanhamento psicoterapêutico mais eficaz. Espera-se, ainda, que as conclusões sirvam de base para outros estudos no campo da Psicologia, com ênfase particular na pesquisa e intervenção clínica, permitindo que profissionais da saúde mental reconheçam, respeitem e acolham de forma mais adequada esses enlutados, criando mais possibilidades de estudos e formas de abordar esse luto em diferentes contextos.

4 MÉTODO

Esta pesquisa caracterizou-se como qualitativa, exploratória e de revisão de literatura narrativa. De acordo com Losh, Rambo e Ferreira (2023), a pesquisa exploratória é uma modalidade investigativa que, a partir de um processo metodológico flexível, busca conhecer um fenômeno tal como ele se apresenta em um dado contexto. Já a revisão de literatura consiste em um processo de busca, análise minuciosa e descrição sobre um determinado tema ou área de conhecimento (Flor et al., 2022).

Neste trabalho, optou-se por uma revisão narrativa, a qual não segue um protocolo rígido e específico, mas apresenta uma abordagem mais aberta e flexível, como descrito por Cordeiro et al. (2007).

A investigação foi realizada a partir de fontes e bancos de dados como Scielo, Periódicos CAPES e Pubmed, com ênfase em estudos que abordaram o luto de pais que perderam filhos por suicídio. O foco esteve em obras de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, assim como nas análises de Martin Heidegger, uma vez que esses autores constituíram algumas das principais referências teóricas para a condução deste trabalho.

5 REVISÃO DE LITERATURA

5.1 Compreensões sobre o luto e o suicídio

5.1.1 Primeiras compreensões sobre o luto

Ao longo da vida, as pessoas constroem sua subjetividade a partir das experiências que vivem e dos vínculos que estabelecem (Souza, 2023). Quando ocorre a perda de alguém ou de algo importante, é esperado que se vivencie o luto, já que ele representa uma resposta humana diante dessa ruptura (Saciloti; Bombarda, 2022).

A perda pode assumir diferentes formas: pode ser real, quando há de fato uma ausência física, ou simbólica, quando envolve expectativas e ideais que deixaram de existir (Leite; Santos; Bastos, 2023).

Para Saciloti e Bombarda (2022), o luto pode ser entendido como um processo de adaptação à ausência, atravessado por mudanças emocionais e comportamentais. Além disso, conforme apontam Battistello e Leal-Conceição (2022), fatores culturais, sociais, históricos e religiosos influenciam diretamente a maneira como cada pessoa vivencia esse processo.

Em alguns contextos, especialmente quando a morte ocorre de forma violenta, repentina ou em situações que rompem a ordem natural da vida, como o falecimento de um filho antes dos pais, o luto tende a ser ainda mais doloroso (Bousso, 2011).

5.1.2 Principais definições e modelos teóricos

Freud, em *Luto e Melancolia* (1917), descreveu o luto como um movimento de reorganização psíquica diante da perda de alguém ou algo investido afetivamente (Freitas, 2018). Ainda segundo o autor, Freud destacou que, nesse percurso, o enlutado pode vivenciar abatimento, redução do interesse pelo seu entorno e recolhimento, manifestações que expressam o trabalho interno de desvinculação afetiva do objeto amado.

Em 1969, Elisabeth Kübler-Ross publicou *Sobre a Morte e o Morrer*, obra em que apresentou a proposta dos cinco estágios relacionados ao processo de luto, desenvolvida a partir de estudos com pacientes em condição terminal. Segundo Battistello e Leal-Conceição (2022), esses estágios - negação, raiva, barganha,

depressão e aceitação - demonstram diferentes maneiras pelas quais uma pessoa pode tentar lidar com a perda. Assim, a negação funciona como um modo inicial de afastar uma realidade muito dolorosa; a raiva aparece quando o indivíduo expressa sua revolta diante do que aconteceu; na barganha, surgem tentativas de negociar simbolicamente uma mudança no desfecho; a depressão reflete a intensidade da dor e da despedida; e a aceitação marca um momento em que a pessoa começa a reconhecer a irreversibilidade da morte (Battistello; Leal-Conceição, 2022). Franco (2021) destaca, porém, que a própria Kübler-Ross reconheceu que sua proposta foi, ao longo do tempo, interpretada de forma rígida, como se todos vivenciassem o luto de maneira linear, todavia, a autora teve papel fundamental ao ampliar o diálogo sobre a morte e contribuir para a formação de profissionais da saúde, oferecendo subsídios importantes para a compreensão do processo do morrer.

Posteriormente, Bowlby (1985) compreendeu o luto como diretamente relacionado aos vínculos de apego que a pessoa constrói ao longo da vida. Em sua *“Teoria do Apego”*, o autor explica que, desde a infância, busca-se a proximidade de figuras que transmitam segurança emocional, o que costuma permanecer também na vida adulta. Dessa forma, quando há a perda concreta de uma dessas pessoas, inicia-se o processo de luto, que Bowlby descreve em quatro fases: o entorpecimento, caracterizado pelo choque inicial; o anseio e a busca, marcado pelo desejo de reencontro e pela expressão intensa de emoções; a desorganização e o desespero, quando surgem sentimentos de abandono e impotência; e, por fim, a reorganização, momento em que o indivíduo reconhece a perda e começa a retomar sua vida.

Segundo Msawa et al. (2022), Parkes (1988) ampliou a compreensão do luto ao descrevê-lo como uma transição psicossocial, na qual a pessoa precisa revisar continuamente a forma como percebe a si mesma e o mundo ao seu redor. Em sua proposta, conhecida como *“Psicodinâmica do Luto”*, Parkes destaca que aspectos culturais e sociais influenciam profundamente a maneira como a perda é vivenciada e que tentar suprimir a dor pode gerar impactos negativos na saúde emocional e física (Msawa et al., 2022). O autor diferencia o luto considerado comum, marcado por fases de contenção da dor, sofrimento e adaptação gradual, do luto patológico, que compromete tanto o bem-estar psíquico quanto o físico e pode desencadear complicações, como o estresse pós-traumático (Msawa et al., 2022). Ainda conforme os autores, Parkes defende que o enlutado precisa buscar um equilíbrio entre evitar

e enfrentar a dor da perda, de modo que, aos poucos, possa integrá-la à própria experiência.

Ainda mais recentemente, Worden (1998) também se dedicou a compreender o luto, propondo um conjunto de tarefas que auxiliam a pessoa a se adaptar à perda. Segundo o autor, essas tarefas envolvem: reconhecer intelectualmente e emocionalmente a realidade da morte; permitir-se vivenciar e elaborar a dor do luto; reorganizar a vida interna e externa diante da ausência da pessoa que faleceu; e construir uma forma de manter um vínculo simbólico com quem se foi, ao mesmo tempo em que se segue adiante (Saciloti; Bombarda, 2022). Ao utilizar o termo “tarefa” em vez de “fase”, Worden destaca que o enlutado não é um sujeito passivo, mas alguém que participa ativamente do seu próprio processo de elaboração, assumindo um papel de envolvimento e ação diante da perda (Silva, 2011).

Por fim, o *Modelo de Processo Dual*, desenvolvido por Stroebe e Schut (1999) e apresentado por Flach e Levandowski (2024), considera que o luto é vivido de forma particular por cada pessoa, sendo influenciado tanto por características individuais quanto pela capacidade de adaptação de cada um. De acordo com o modelo, existem dois tipos de estressores que compõem essa experiência: os voltados diretamente à perda, que dizem respeito ao impacto emocional diante da ausência; e aqueles relacionados à reorganização da vida e à retomada das atividades cotidianas (Flach; Levandowski, 2024). Para Stroebe e Schut, a alternância entre esses dois movimentos é fundamental para uma adaptação considerada saudável, uma vez que, quando o indivíduo fica fixado apenas em um dos polos - seja apenas na dor ou apenas na tentativa de reorganização - o processo de enfrentamento tende a se tornar mais difícil (Flach; Levandowski, 2024).

Em geral, compreende-se que, ao longo do tempo, o luto deixou de ser visto como um processo fixo e rígido, passando a ser entendido como uma experiência dinâmica e influenciada por múltiplos fatores. Embora existam diferenças entre as propostas teóricas, como a leitura mais linear de Kübler-Ross em contraste com a abordagem oscilatória de Stroebe e Schut, é possível identificar pontos de convergência, especialmente a ênfase de Freud e Bowlby na importância do vínculo com a pessoa perdida. Em síntese, todas essas contribuições reforçam a ideia de que o luto é um fenômeno complexo, marcado por repercussões emocionais, relacionais e subjetivas.

5.1.3 Aspectos psicológicos e emocionais

O enfrentamento do luto é um processo complexo que envolve aspectos psicológicos, emocionais e biológicos, influenciados por fatores como personalidade, experiências de vida, rede de apoio e também o estado físico, os quais podem interferir não só na intensidade da dor, como também na forma como ela será elaborada com o tempo (Sousa, 2016).

Do ponto de vista psicológico e emocional, Sousa (2016) afirma que o luto se expressa a partir de diversas reações, que muitas vezes funcionam como mecanismos que auxiliam a lidar com o impacto da perda, como tristeza profunda, saudade, choro, sensação de vazio, raiva, culpa, medo e ansiedade. Essas emoções, segundo a autora, costumam surgir à medida em que a pessoa reconhece a perda, e tendem a ser mais intensas quando há um vínculo forte com a pessoa que se foi, ou quando havia dependência afetiva ou conflitos não resolvidos.

Considerando as ideias de teóricos como Parkes, Worden e Bowlby, o luto também pode provocar sintomas físicos, como fraqueza muscular, alterações no sono e apetite, dor no peito, cansaço extremo, falta de ar e distúrbios gastrointestinais (Sousa, 2016). Essas reações são compreendidas como respostas biológicas à sobrecarga emocional vivida, em que o corpo busca restaurar o equilíbrio (Bowlby, 1985). Também é comum o enlutado se isolar, sentir que perdeu sua identidade ou ter dificuldades para retomar atividades diárias (Sousa, 2016). Além disso, a autora menciona que algumas pessoas mantêm objetos ou espaços ligados à pessoa que morreu como forma de preservar o vínculo, enquanto outras evitam qualquer lembrança, atitudes que revelam formas singulares de enfrentar a dor, mostrando que não há um único caminho no processo de luto.

5.1.4 Aspectos culturais e sociais

A vivência do luto é também moldada pela cultura, já que o ser humano, desde cedo, é inserido em um contexto que influencia sua forma de compreender o mundo, inclusive o significado da morte (Souza, 2023). Cada sociedade, segundo o autor, constrói significados próprios sobre esse fenômeno e define maneiras específicas de lidar com a perda, como rituais e crenças sobre a vida após a morte. Complementando essa perspectiva, Battistello e Leal-Conceição (2022) apontam que fatores sociais, culturais, históricos e religiosos podem facilitar ou dificultar a

reação diante da perda, principalmente em contextos onde a morte ainda é tratada como tabu, limitando muitas vezes a expressão da dor.

A religiosidade e a espiritualidade, elementos importantes dentro da cultura, também podem ajudar na elaboração do luto (Silva, 2023). A autora explica esse processo por meio do conceito de “coping espiritual ou religioso” (CER), que se refere ao uso da fé e das crenças como estratégias para enfrentar situações difíceis, como a perda de alguém significativo. Esse tipo de enfrentamento pode trazer benefícios quando proporciona conforto emocional, sensação de apoio e conexão com algo maior, porém, pode gerar sofrimento quando vivenciado de forma rígida ou punitiva, despertando sentimentos de culpa, medo ou abandono espiritual (Silva, 2023).

No Brasil, especificamente, a diversidade cultural e regional também influencia a forma de lidar com a perda, produzindo diferentes modos de viver o luto (Souza, 2023). Além disso, as desigualdades sociais presentes no país tornam esse processo ainda mais desafiador, pois o acesso limitado à saúde, educação e acompanhamento psicológico pode restringir os recursos disponíveis para enfrentar a dor da perda. Assim, como enfatiza Souza (2023), a vivência do luto não depende somente da força individual, mas também das condições econômicas, sociais e culturais que cercam cada pessoa, exigindo um olhar mais amplo para compreender essa experiência.

5.1.5 Tipos de luto

Em primeiro lugar, no que tange aos tipos de luto conhecidos hoje, a literatura propõe, conforme Michel e Freitas (2019), uma diferenciação entre o luto saudável e o luto patológico, especialmente a partir das mudanças introduzidas no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Os autores destacam que, segundo o manual, enquanto o luto saudável é caracterizado por um sofrimento que, apesar de intenso, tende a diminuir com o tempo, o luto patológico - ou complicado - se distingue por sua persistência e pela intensidade dos sintomas, afetando significativamente o funcionamento cotidiano da pessoa enlutada. Essa distinção, ainda segundo eles, leva em consideração fatores como a duração da reação de luto, o grau de sofrimento envolvido e os prejuízos funcionais causados ao indivíduo.

Além dessa distinção mais ampla, a literatura descreve outros tipos de luto que ajudam a compreender as múltiplas formas de reagir à perda:

Luto antecipatório: ocorre antes da morte, geralmente em situações de adoecimento sem possibilidade de cura (Abu-Yaghi; Marques; Grothe, 2023). As autoras explicam que, mesmo sem a perda concreta, há sofrimento, mudanças emocionais e físicas, além de perdas simbólicas ligadas à identidade, ao controle da própria vida e à autoestima.

Luto não reconhecido: caracteriza-se quando a dor da perda não recebe validação social, fazendo com que a pessoa não se sinta autorizada a expressar seu sofrimento, seja devido a julgamentos externos, seja por sentimentos internos de culpa ou vergonha (Lourenço et al., 2022).

Luto gestacional e neonatal: refere-se ao sofrimento de pais diante da perda do bebê durante a gestação, seja por aborto espontâneo ou morte fetal, e ao luto vivido após a morte nas primeiras semanas de vida, geralmente associada a complicações de saúde (Laguna et al., 2021).

Luto ausente e atrasado: o luto ausente ocorre quando a pessoa não reconhece ou demonstra seus sentimentos, muitas vezes por mecanismos inconscientes de negação, o que pode resultar posteriormente em sintomas físicos e emocionais (Costa et al., 2022). O luto atrasado surge como consequência desse primeiro, quando o sofrimento aparece apenas depois de algum tempo, geralmente porque, no momento da perda, outros desafios ou crises impediram a elaboração emocional inicial, conforme destacam os mesmos autores.

Luto traumático: associado a perdas súbitas ou violentas, como suicídio, acidentes ou homicídios. A falta de preparação emocional e o impacto da notícia podem dificultar o processo de aceitação, sendo esse tipo de luto frequentemente comparado ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) (Carneiro; Rocha, 2022).

Luto coletivo: ocorre quando uma comunidade ou grupo social compartilha a dor diante de uma perda que afeta várias pessoas ao mesmo tempo, como em casos de desastres, pandemias ou morte de figuras públicas, gerando um sentimento comum de luto (Oliveira, 2020).

5.1.6 Perspectiva histórica

5.1.6.1 Da Antiguidade à Contemporaneidade

Santos et al. (2023) mostram que, ao longo da história ocidental, as maneiras de encarar a morte e de vivenciar o luto passaram por grandes transformações, acompanhando mudanças culturais, sociais e também os avanços da medicina.

Na Antiguidade, segundo os autores, a morte estava integrada ao cotidiano, como quando pessoas gravemente doentes costumavam permanecer em casa e eram veladas ao lado de familiares e amigos, em um contexto de maior proximidade e aceitação do fim da vida.

Com a chegada da Idade Média, marcada por epidemias e altos índices de mortalidade, o contato frequente com a perda fez com que a morte fosse percebida como parte inevitável da existência (Combinato; Queiroz, 2006).

A partir do século XIX, porém, o avanço da medicina e a institucionalização dos cuidados de saúde deslocaram a morte para hospitais e instituições especializadas, afastando-a do convívio doméstico (Santos et al., 2023). Para esses autores, esse processo contribuiu para que o luto se tornasse, muitas vezes, mais solitário e marcado pelo distanciamento emocional, já que a morte deixou de fazer parte do dia a dia e passou a ser ocultada socialmente.

Battistello e Leal-Conceição (2022) acrescentam que, na atualidade, grande parte das mortes ocorre em ambientes hospitalares, o que pode tornar o processo de despedida mais difícil. Como afirmam esses autores, a ausência dos vínculos afetivos presentes no lar e a realização de cerimônias em locais neutros tendem a intensificar o sofrimento e dificultar a assimilação da perda.

Além disso, Combinato e Queiroz (2006) destacam que, com a Modernidade e a consolidação do capitalismo, o corpo começou a ser compreendido como instrumento de trabalho, desse modo, a morte passou a representar a interrupção da produtividade e, por isso, tornou-se indesejada, o que ajuda a explicar o desconforto da sociedade contemporânea diante da finitude.

5.1.6.2 Luto e a medicalização do sofrimento

Nos tempos atuais, em que a morte se tornou cada vez mais distante do cotidiano, também mudaram as formas de lidar com o sofrimento que ela provoca. Nesse cenário, experiências emocionais intensas tendem a ser rapidamente

interpretadas como sinais de adoecimento psíquico (Venâncio; Oliveira, 2018). Para esses autores, essa tendência contribui para o aumento de diagnósticos, como o de “depressão”, muitas vezes sem a devida precisão dos critérios clínicos, fazendo com que estados de tristeza que antes eram vistos como parte natural da vida passem a ser considerados anormais.

Alves et al. (2021) explicam que essa discussão ganhou destaque durante a elaboração da última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), em que foi retirada a regra que impedia o diagnóstico de transtorno depressivo maior em pessoas que estavam vivenciando um luto recente. Nos manuais anteriores, a tristeza decorrente da perda era compreendida como uma reação esperada, mesmo quando apresentava semelhanças com quadros depressivos (Alves et al., 2021). Com a mudança, o transtorno passou a poder ser identificado já nas primeiras semanas após a perda, desde que os sintomas correspondam aos critérios clínicos definidos pelos psiquiatras.

Segundo os autores, essa alteração abriu espaço para o uso precoce de medicamentos, criando uma tendência a recorrer a psicofármacos como solução rápida para qualquer manifestação de sofrimento. Isso inclui situações em que a dor do luto é uma resposta legítima a um momento difícil e, muitas vezes, necessita apenas de tempo, apoio e acolhimento, e não necessariamente de medicalização (Alves et al., 2021).

Em síntese, Michel e Freitas (2019) alertam que a padronização diagnóstica do DSM-5 pode levar à desconsideração de aspectos históricos, culturais e subjetivos do sofrimento humano. Ao transformar experiências existenciais, como o luto, em possíveis sinais de transtorno, corre-se o risco de ignorar a singularidade de cada perda e reduzir a complexidade da vivência do enlutado.

5.1.6.3 O luto na Contemporaneidade

Maria Júlia Kovács, psicóloga e professora do Instituto de Psicologia da USP, é considerada uma das principais referências brasileiras nos estudos sobre morte e luto desde a década de 1980 (Santos, 2014). Para a autora, a morte faz parte da vida e, por isso, precisa ser reconhecida e discutida. Kovács (2005) defende que o preparo para lidar com a finitude deve começar ainda na infância, podendo ser incluído tanto nos espaços de educação quanto nos serviços de saúde. Apesar da grande exposição da morte na mídia, marcada por cenas frequentes de violência e

tragédias, ela observa que ainda existe um silêncio significativo em torno do tema. Essa contradição, segundo Kovács, revela que a sociedade vê a morte constantemente, mas ainda não sabe como enfrentá-la. Falar sobre morte, portanto, é também uma maneira de valorizar a vida, pois amplia a consciência sobre sua fragilidade e importância, conforme mencionado pela autora.

A perspectiva de Kovács dialoga com a de Maria Helena Franco, psicóloga que também se destaca no estudo do luto no Brasil. Franco (2021) entende o luto como um processo de reconstrução de sentido diante da perda de alguém significativo. Para ela, elaborar o luto envolve reorganizar a própria vida após a ruptura de um vínculo, algo que, embora aconteça dentro de um contexto social mais amplo, é vivido de maneira singular. Essa singularidade é influenciada pela relação que o enlutado tinha com a pessoa falecida, pela forma como interpreta o mundo e pelos recursos subjetivos que possui para lidar com a ausência.

Considerando o percurso histórico apresentado ao longo deste tópico, observa-se que as teorias sobre o luto passaram por importantes mudanças. Desde as formulações de Freud, Bowlby e Kübler-Ross até modelos mais flexíveis, como o de Stroebe e Schut, nota-se um movimento contínuo de ampliação na compreensão desse processo. Na atualidade, mesmo diante de um cenário marcado pela crescente patologização e medicalização do sofrimento, pesquisadoras brasileiras como Maria Júlia Kovács e Maria Helena Franco têm contribuído para novas formas de olhar para a morte e para o luto. Seus estudos apontam para uma tentativa de resgatar a complexidade dessa experiência humana, propondo caminhos que acolham a singularidade das perdas e ampliem o diálogo sobre o tema na sociedade contemporânea.

5.2 Definição e especificidades em torno do suicídio

O suicídio é compreendido como um ato intencional em que a própria pessoa busca provocar a própria morte a partir de um meio que acredita ser capaz de produzir esse desfecho (Minayo, 2007). Conforme o autor, essa definição inclui não apenas o ato consumado, mas também pensamentos de autoextermínio, elaboração de planos e tentativas que visam interromper a própria vida. A tentativa de suicídio, por sua vez, corresponde à realização de comportamentos autolesivos com essa finalidade, ainda que não resultem em morte, sendo registrada com frequência maior do que o suicídio consumado (Santos, 2019).

A dimensão do fenômeno pode ser observada nos números: estima-se que aproximadamente 700 mil pessoas morram por suicídio todos os anos no mundo (Martins, 2022). No Brasil, esse número gira em torno de 12 mil mortes anuais, o equivalente a uma morte a cada 45 minutos (Scavacini, 2019).

Fukumitsu et al. (2015) destacam que a compreensão desse fenômeno exige uma abordagem multifatorial, pois envolve a interação de elementos biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais. Dessa forma, o suicídio é entendido como o resultado da combinação de diversos fatores, como predisposições genéticas, condições psíquicas, rigidez cognitiva, impulsividade e também circunstâncias sociais e econômicas que compõem a vida do indivíduo. Para os autores, analisar o suicídio sob uma perspectiva biopsicossocial possibilita uma compreensão mais abrangente e humana dessa problemática.

Mesmo com avanços na compreensão teórica do fenômeno, sua dimensão social e estatística permanece alarmante. A situação se agrava diante da subnotificação recorrente de mortes por autoextermínio, muitas vezes classificadas como acidentes, homicídios ou causas indeterminadas, o que decorre tanto do estigma que ainda envolve esse tipo de morte quanto da dificuldade em identificar com precisão a intencionalidade em certos casos (Teixeira; Souza; Viena, 2018). Para esses autores, mesmo com limitações nos registros, os dados já demonstram a gravidade do problema, que ultrapassa o âmbito individual e se configura como uma questão urgente de saúde pública. Por isso, tornam-se essenciais políticas de prevenção e posvenção, além de apoio psicológico, social e econômico às pessoas envolvidas.

5.2.1 O processo de luto diante da morte por suicídio

A cada morte por suicídio, estima-se que entre seis e dez pessoas sejam diretamente impactadas de forma significativa (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022). Segundo os autores, esses indivíduos, geralmente familiares e amigos, são chamados de “sobreviventes enlutados”, termo que se refere a qualquer pessoa que possuía algum vínculo afetivo com quem tirou a própria vida.

Para Fukumitsu e Kovács (2016), a reação desses enlutados é influenciada por diversos fatores, como a qualidade da relação estabelecida com a pessoa falecida, o contexto social, aspectos da história de vida e características da personalidade de quem vivencia a perda. Nesse tipo de luto, sentimentos como

frustração, dor intensa, culpa, tristeza e negação são frequentes, assim como questionamentos constantes sobre os motivos que podem ter levado ao ato suicida (Nunes et al., 2016). O sofrimento tende a ser ainda maior devido ao silêncio social e à falta de compreensão que cercam o tema, o que pode gerar uma experiência de luto solitária e particularmente dolorosa (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022).

O luto por suicídio também se insere no grupo das chamadas “mortes inesperadas”, que, segundo Ribeiro, Araújo e Lima (2022), provocam grande impacto emocional pela surpresa e pela ausência de tempo para que a família ou amigos se preparem para a perda. Nesses casos, o sentimento de culpa costuma aparecer com força, tornando o processo de elaboração ainda mais desafiador, como apontam os autores. O caráter repentino e, muitas vezes, violento da morte também contribui para a intensidade do sofrimento.

Os mesmos autores discutem ainda o conceito de “luto não reconhecido”, que ocorre em contextos culturais nos quais o suicídio é tratado como tabu. Nessas situações, a falta de espaços legítimos para expressar a dor impede que os enlutados encontrem meios saudáveis de elaborar a perda (Ribeiro; Araújo; Lima, 2022). A ausência desse reconhecimento reforça a necessidade de criar ambientes acolhedores e de promover conversas abertas sobre o tema, possibilitando que esses enlutados recebam o apoio necessário.

5.3 Perspectiva fenomenológico existencial

Para o correto entendimento de como a abordagem debate sobre o fenômeno descrito neste trabalho, é necessário o resgate histórico, e a consequente explicação das diferenças presentes entre os pensadores.

5.3.1 Contextualização da teoria

Para que o processo de enlutamento por suicídio seja analisado a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial, é necessário que se compreenda primeiramente os fundamentos desta teoria, para assim direcioná-la ao tema principal. A mesma pode ser analisada em diferentes autorias, o que é demonstrado principalmente pelas concepções Husserlianas e Heideggerianas. Em Husserl, entende-se a Fenomenologia como uma forma de criticar a Atitude Natural, e propõe que só se encontra a essência de um fenômeno ao reduzi-lo transcendentalmente, enquanto para Heidegger, ela será compreendida a partir de um questionamento ontológico do que é o Ser, tendo plena consciência da existência deste Ser como algo inserido no mundo (*Dasein*, ou Ser-aí) (Barreto; Moraes, 2016).

A redução fenomenológica Husserliana propõe a assunção de uma posição antinatural, analítica e reflexiva para que o fenômeno seja visto de forma íntegra e original (Feijoo, 2011). Como descrito por Ziles (2007), a redução trata de colocar o mundo exterior “entre parênteses”, de forma a manter o foco na investigação da consciência. Esta “atitude antinatural” foi denominada de *epoché*, que se define pela suspensão da tomada como verdade a ideia de “estruturação natural” e da crença de que os entes podem ser analisados de forma íntegra além dos fenômenos que se demonstram (Feijoo, 2011). A fenomenologia Husserliana busca, através da compreensão de “voltar às coisas mesmas”, a essência da consciência, surgindo assim, um Eu transcendental (Dutra, 2000).

Husserl parte de uma crítica à ciência como se encontra, ao considerar que ela não seguia a lógica de “voltar às coisas mesmas” (San Martín, 1986). Este pensamento demonstra seu interesse com a fenomenologia, que se baseia em ser a ciência que revela o que é si próprio enquanto revelado à consciência (Goto, 2008), alcançando um estado de puro saber. Ainda partindo da interpretação de Goto (2008), a concepção husserliana orienta que a condição fundamental para ter conhecimentos dos entes reside na subjetividade do ser humano, pois é só a partir da consciência que o ser tem acesso aos fenômenos. Quando esta “desconexão”

com a concepção do mundo sendo algo pré-determinado ocorre, o *eidos* (do grego antigo, consciência) surge como destaque em um novo modo de análise dos fenômenos (Dutra, 2000).

Esta forma de concepção do eu em Husserl apresenta em sua constituição o teor da intencionalidade, de forma a desconsiderar aquilo que trouxesse ao eu uma coisificação (Feijoo, 2011). A intencionalidade representa na teoria husserliana, um modo de significar os objetos, pois é apenas a partir da consciência que estes objetos possuem uma significação real (Silva, 2009). Husserl define a intencionalidade da seguinte forma:

[...] 'intencionalidade' não significa, então, outra coisa senão esta propriedade universal e fundamental da consciência de ser consciência de qualquer coisa, de transportar em si, enquanto cogito, o seu próprio cogitatum. (Husserl, 2013, p. 71).

Com isto, entende-se a intencionalidade como a propriedade principal da consciência, já que qualquer objeto só existe enquanto em sua condição de objeto-para-uma-consciência, por sua análise não ser feita a partir de uma ideia de dissociação entre ser e ente (Dutra, 2000)

O modo como a concepção de morte surgirá no pensamento husserliano está intrinsecamente ligado com o modo de fundamentar a fenomenologia do autor. Para ele, o mundo presente na consciência, ou seja, o mundo “vivo”, é a imediação de onde vivem todos os seres, e que antecede qualquer corrente científica (Werle, 2003). Logo, a morte é o que separa a vida transcendental da objetificação inerente na condição de ser humano (Vecino, 2021), e por este motivo, Husserl apresenta uma escassez de conteúdo sobre a temática da morte, já que a sua descrição da fenomenologia se baseia no imediato, naquilo que é consciente, intencional e perceptível (Toronyai, 2023). Ainda referenciando Toronyai (2023), a morte é compreendida a partir da vivência de outro, e não de si próprio, sendo uma vivência intersubjetiva quando analisada como um evento que acontece no mundo, mas que quando analisada a partir de uma noção multidimensional transcendental, a morte é compreendida a partir do seu acontecimento por si só, e não mais pela vivência do outro, ela se dividirá em 3 camadas:

- **Intersubjetiva:** Uma separação da consciência com o meio no qual está inserida. Desta forma, o ser perde sua “corporeidade” (Husserl, 2006 *apud* Toronyai, 2023, p. 72)

- **Pessoal (redução primordial):** Trata-se do campo exclusivamente pessoal, e que não parte do conteúdo adquirido a partir da comunicação da comunidade na qual este ser está inserido, presente na camada intersubjetiva. A morte surge aqui como o fim da nossa personalidade (como em uma doença neurodegenerativa), como a não reativação entre o polo-ego (presente) e as experiências passadas (como em um coma), ou como uma limitação das possibilidades (o ser é limitado pela forma como sua personalidade é determinada, e isso define quais serão suas escolhas, de modo a existirem possibilidades não-realizáveis).
- **Ego Transcendental:** Husserl retira todos os aspectos já citados do ser, e deixa apenas o núcleo puro da consciência, *lebendige Gegenwart* (presente vivo). É um núcleo atemporal e pré-reflexo, e demonstra a impossibilidade desta morte, já que para as outras mortes existirem, é necessário que essa não possa morrer.

Se Husserl buscava as estruturas universais da consciência, Heidegger desloca a investigação para o modo concreto de existir do ser humano. Ao adentrar nos estudos de Heidegger, entende-se a fenomenologia a partir de outros olhos, que não mais se concentram no estudo da consciência, mas sim no estudo ontológico do ser (Feijoo; Mattar, 2014).

O filósofo direciona este estudo através da afirmação “Deve-se colocar a questão do sentido do ser” (Heidegger, 2005). Em seu livro “Ser e Tempo” (2005), Heidegger introduz os conceitos de Ser e Ente, demonstrando que ao realizar o questionamento do Ser, não é possível dissociá-lo do Ente: “Na medida em que o ser constitui o questionado e se diz sempre ser de um ente, o que resulta como interrogado na questão do ser é o próprio ente.” (Heidegger, 2005). Mas para o autor, apesar da não possibilidade de dissociá-lo, o Ser não pode ser definido pelo Ente, já que o segundo apresenta limitações, enquanto o primeiro é transcendental e não pode ser definido (Heidegger, 2005). Pode-se entender então o Ente como o sujeito, aquele que é limitado pela realidade que se demonstra através dele mesmo. Feijoo (2011) introduz, a partir disso, o conceito do *Dasein* (ser-aí), que é descrito por Heidegger como o ser que é capaz de interrogar a si mesmo, revelando um ser privilegiado ôntica (do Ente) e ontologicamente (do Ser).

O foco do estudo de Heidegger está na investigação do *Dasein*, que se demonstra como a estrutura mais original da intencionalidade. Ou seja,

diferentemente de Husserl, Heidegger se propõe a estudar aquilo que é revelado no mundo, que é o lugar no qual algo pode se revelar na experiência fenomenológica (Feijoo; Mattar, 2014). Mas como isso se relaciona com a forma como o autor analisa a relação do ser humano com a possibilidade da morte?

5.3.2 Ser-para-a-morte em Heidegger

Ao realizar uma análise ôntica, entende-se este ente analisado como passível de limitações, por não ser transcendental. Isto é importante como determinador de sua possível relação de não proximidade com a morte, já que a mesma não se apresenta como possibilidade última. Segundo Silveira (2024), a morte se enquadra como a possibilidade primordial do ser-aí, e isto se relaciona com o sentido ontológico da morte. Não se vive a morte de outro, e por isso, cada um significa esta passagem de forma diferente e única.

A noção de temporalidade desenvolvida através da compreensão de seu existir, que está inserido em um caráter temporal, e noção a qual foi gerada pela angústia da compreensão sobre a abertura constitutiva do ser, leva ao conceito de ser-para-a-morte (Nehme, 2019). Este conceito se baseia na ideia de entender-se em uma posição de iminência para um momento inexorável da vida, o qual abre portas para a angústia do ser. Como descrito por Feijoo (2011), a angústia também surge ao analisar na morte, de um ponto de vista ôntico, a qualidade de ser inexperienciável, dando a ela o caráter de algo que deve ser temido por ser desconhecido e repentino.

Na experiência ontológica, não se explica a experiência, pois a busca pela explicação representa uma redução ao caráter de ente. Os pontos citados demonstram uma centralidade do pensamento de Heidegger sobre a autenticidade de se entender na lógica de “ser-para-a-morte”, entendimento o qual gera uma vivência autêntica, e não impessoal e que se baseia na fuga de algo inadiável. Heidegger (2005) trabalha na centralidade do encobrimento da morte como possibilidade, mas que permanece ainda como algo real e que há de chegar um dia, e como isto determina a impessoalidade da morte pública:

Embora pretenda restituir-lhe a pre-sença, não faz senão ajudar a entranhar-lhe ainda mais sua possibilidade de ser, mais própria e irremissível. É desta maneira que o impessoal busca continuamente tranquilizar a respeito da morte (Heidegger, 2005, p.34).

Retornando ao tema da angústia, Nehme (2019) pontua que a possibilidade de existência atribuída a si mesmo pelo ente sustenta um modo de ser, confrontando a questão existencial da temporalidade, ao invés de se apresentar como algo transcendental, e esta angústia remete ao poder-ser da morte. Para Kierkegaard (2010), a angústia é a evidência da liberdade do ser, e da capacidade deste de não ser como os animais. Esta diferenciação é o que torna possível ao ser humano a condição de desenvolver o estudo ontológico, dado o fato da existência da consciência sobre a facticidade. Para Stein (2002), a angústia surge no pensamento de Heidegger como aquilo que revela a natureza existencial e indeterminada do ser, e o “nada” que é gerado, impulsiona a confrontação com a própria existência. A partir do momento em que se entende este conceito aplicado ao sentido ontológico, é necessário compreender sua relação com o processo de luto.

5.3.3 O luto parental por suicídio sob a perspectiva Fenomenológica-Existencial

Tendo sido estabelecido o aporte teórico para a compreensão das diferentes ideias de autores da Fenomenologia-Existencial, cabe agora a ligação ao tema deste trabalho. O tema da mortalidade discutido até este momento representou uma fundamentação do sentido ôntico e ontológico da morte para o indivíduo, mas como ele se desenvolve quando se experiencia a morte daquele que, seguindo uma lógica implícita da vida, supostamente partiria depois deste que vive o enlutamento?

Citando primeiramente a questão do luto de uma forma generalizada, Ribeiro, Araújo e Lima (2022) demonstram que ele pode partir da falha em criar significado na relação de ser-com o morto, falha em substituir a pre-sença (estrutura de conhecimento prévio do *Dasein*), ou o não entendimento do eu como ser-no-mundo, o que acaba por levar a uma concepção conturbada do ser-para-o-fim. Na teoria heideggeriana, entende-se a morte como ao Ser, que já está preparado para o ser-para-a-morte, e sua afetação atinge aqueles que ficam, já que no sentido ôntico, o Ente não experimenta a concretização da morte. Como demonstrado por Earle-Lambert (2011), quem acompanha alguém em contexto terminal, ou que tenha a morte concretizada, não consegue entender a morte do ponto de vista desta pessoa, cabendo a ela entender a partir de seu próprio.

Ao tratar do luto pelo suicídio de um filho, deve-se desenvolver atenção à relação intrínseca do *Dasein* de “ser-com” (*Mitsein*) outros, e isto se acentua nesta

relação de proximidade através da parentalidade. Heidegger (2005) descreve a impessoalidade da morte como oriunda de uma tentativa de postergar aquilo que já está na consciência; ou seja, o conhecimento sobre a possibilidade do morrer. Isto demonstra uma relação com outros entes baseada na ideia da morte como algo distante e não pertencente à relação num determinado momento, o que fica mais visível na relação familiar, a qual torna-se impessoal também pela cotidianidade. Freitas (2013) demonstra o cessar dessa vivência em conjunto como propulsora de uma nova forma de representar seu ser-no-mundo. Muitas mães, por exemplo, recorrem à espiritualidade, de modo a tornar tolerável o sofrimento causado pela perda de um filho (Alarcão; Carvalho; Peloso, 2008). Com isso, entende-se a mudança causada no *Dasein* pela transformação traumática através da perda de um filho, tendo que adequar seu ser-com o mundo em uma nova perspectiva, principalmente pelo fato de quem parte levar consigo parte do ser-aí parental. Como bem descrito por Freitas (2013), a experiência do enlutamento pode desencadear também uma interrupção das possibilidades de ser-com, por conta de uma mudança em como o mundo é percebido de forma habitual.

5.3.4 A angústia da finitude subvertida

Tochetto e Conte (2022) relatam como o ciclo natural da vida é subvertido após a morte de um filho, trazendo uma complexidade maior para a análise da situação. Heidegger (2005) descreve a angústia da morte através da completude do poder-ser neste acontecimento, sendo esta angústia proveniente não do ato de deixar de viver em si, mas sim da concepção de que o *Dasein* existe para a completude de seu fim, logo sendo a morte uma possibilidade constitutiva do ser. Neste mesmo trecho, o autor postula essa concepção como a “possibilidade mais própria”, sendo ela irremissível.

Isto, claro, diz respeito à morte como possibilidade mais própria (Heidegger, 2005) dentro da consciência de um andamento sequencial do processo de finitude. Ao confrontar a morte do outro, sendo este outro um(a) filho(a), Feijoo (2021) demonstra a reação dos pais de culpa, incompreensão, e desejo de seguir pelo mesmo caminho da consumação do suicídio, e existe uma interrupção na vivência de um presente ou futuro, por uma não-permissão de experienciar a reformulação de um Ser-aí (Soares; Castro, 2018).

De forma conclusiva, Heidegger (2005) relaciona a angústia com a condição de ser-para-a-morte, sendo ela vista como uma impossibilidade do poder-ser de qualquer outra possibilidade, e a antecipação desse momento singulariza o *Dasein*, tornando-o próprio, e se afastando da característica de impessoalidade que surge com o estigma do suicídio.

5.3.5 Culpa e a busca clínica pela existência autêntica no luto

Heidegger (2005) utiliza o termo “temor covarde” para definir a angústia em relação ao ser-para-a-morte. Feijoo (2011) busca elucidar o “temor” descrito por Heidegger como algo que desestrutura, e que se anuncia, trazendo a possibilidade de um fim daquilo que se é. Neste caso, a escrita de Heidegger faz jus à visão impessoal da morte, já citada aqui anteriormente como sendo causada pelo estigma social, e isso abre portas para o tema da culpabilização e como ela pode ser tratada na clínica fenomenológica.

Neste tema, Feijoo (2021) relata a, já aqui citada, auto culpabilização dos pais após a consumação do ato, e no mesmo texto, a autora descreve a clínica fenomenológica-existencial como promotora de uma análise sem moralizações ou negação da dor, tendo o foco na confirmação da mesma e na transformação dela em uma outra possibilidade de existência. A clínica busca oferecer ao outro um tratamento de serenidade e paciência para que o outro sinta-se livre e expresse seu dizer.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Especificidades do luto de pais pela morte auto infligida de filhos

O presente capítulo tratará dos aspectos importantes relacionados ao processo de luto dos pais, concebido enquanto luto parental por Casellato (2002) para se referir ao processo que se segue à perda de um filho. Além disso, também considerará as especificidades relacionadas à morte auto infligida por parte desses jovens.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, o suicídio de jovens entre 15 a 29 anos aparece como a quarta causa de morte mais recorrente entre os anos 2000 e 2019, atrás somente de acidentes no trânsito, tuberculose e violência interpessoal. Isso indica que, embora a juventude seja tradicionalmente vista como uma fase de vitalidade, descoberta e construção de futuro, muitos jovens estão enfrentando um sofrimento psíquico intenso. Além disso, assim como colocam Bittencourt, Quintana e Velho (2011) é possível refletir acerca do rompimento do ciclo de vida nesses casos, haja vista que a ordem natural da vida é interrompida a partir de uma morte antecipada. Ainda segundo os autores, tem-se culturalmente o costume de negação da morte enquanto possibilidade antes da velhice, sendo vista como algo distante e facilmente esquecida durante a juventude. Nesse sentido, o falecimento de uma pessoa jovem representa uma ruptura abrupta e profundamente dolorosa neste ciclo vital, interrompendo expectativas naturais de crescimento, desenvolvimento e realização de projetos de vida.

Considerando o luto parental, entende-se que essa perda subverte a ordem cronológica esperada, em que os mais velhos partem antes dos mais jovens, gerando um impacto emocional intenso nos pais, trazendo consigo uma profunda angústia. Nesse sentido, com a perda do filho, perdem-se também os sonhos, as idealizações, os investimentos afetivos, as expectativas e os projetos depositados (Bittencourt; Quintana e Velho, 2011). Logo, além da dor da ausência, há também o luto pelo futuro que não se concretizou, pelos sonhos, planos e potencialidades interrompidos. Esse tipo de morte impõe desafios significativos ao processo de elaboração do luto, pois confronta os enlutados com sentimentos adversos.

Botega (2015 apud Feijoo, 2021, p. 168) refere-se a esse processo enquanto uma “explosão de sentimentos e de reações, geralmente de natureza contraditória: preocupação, medo, raiva, acusação, frustração, banalização, esperança, culpa,

disponibilidade, superproteção, cansaço, irritação e hostilidade”. Além disso, há também um sofrimento em decorrência dessas emoções intensas, como negação, depressão, isolamento, dificuldade em aceitar a perda, problemas de adaptação, obstáculos para estabelecer novos vínculos, sensação de desamparo, queda na produtividade, surgimento de transtornos mentais, aumento no consumo de álcool ou outras drogas e falta de investimento em sua própria vida (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Isso ocorre pois a morte de um filho é um evento incoerente na vida dos pais, evidenciando uma dor intransponível e incomparável ao evidenciar a fragilidade humana e rompendo com qualquer previsibilidade sobre a morte (Reis *et al.*, 2021). Trata-se então de um fenômeno singular e complexo de ser elaborado, haja vista as inúmeras implicações a nível individual, social, bem como na relação conjugal (Filho; Lima, 2017). Além disso, há também aspectos associados ao papel que o filho desempenha nessa família, idade do filho, qualidade e proximidade da relação, dentre outros (Morelli; Scorsolini-Comin; Santos, 2013).

6.1.2 A dor pela perda do filho e a construção da identidade dos pais

As narrativas associadas à morte dos filhos frequentemente estão associadas a uma dor de grande intensidade e uma perda incomparável, intransponível e inominável, para a qual não há palavras que possam designar um lugar (Reis *et al.*, 2021). Nesse sentido, entende-se que a perda de um filho configura-se como uma das experiências mais dolorosas e desestruturantes para os pais, provocando um sofrimento psíquico profundo e de difícil elaboração. Ainda de acordo com os autores, surge a reflexão acerca da ideia de identidade, haja vista a perda da relação existente, causada pela morte abrupta.

Acerca disso, Freitas e Michel (2014) colocam que em outras configurações de enlutamento o status social do enlutado difere: de filho para órfão, de casado para viúvo, porém não há uma denominação para o lugar dos pais que perdem um filho. Logo, entende-se simbolicamente que eles continuam sendo pais, porém de um filho morto, o qual jamais será esquecido. Nesse sentido, “o amor pelos filhos permanece mesmo após a morte, tal como o lugar parental. Há a ideia de que, independentemente da morte, os pais continuam sendo pais” (Reis, *et al.*, 2021, p. 8).

Para Ciampa (2004 apud Filho; Lima, 2017), a identidade constitui-se como um processo contínuo de transformação, caracterizado por uma permanente

metamorfose. Logo, ela se manifesta na relação com o outro e por meio de diferentes posições ocupadas socialmente, como pai, mãe, cônjuge, trabalhador, filho, religioso ou ateu. Cada uma dessas dimensões relaciona-se aos papéis desempenhados por cada um, evidenciando que a identidade sinaliza à sociedade - e ao indivíduo - o lugar de cada um no mundo, delimitando os limites e as possibilidades acessíveis. Com a morte do filho, a relação parental é abruptamente interrompida, o que implica uma reconfiguração identitária: a identificação enquanto pais dá lugar a uma condição que carece de nomeação socialmente estabelecida, e inicia-se um processo de construção identitária, assumindo outros papéis que não são os de parentalidade. Logo, os genitores precisam retomar suas atividades cotidianas, seus projetos de vida e suas relações familiares e conjugais, mas agora atravessados pela ausência concreta do filho, fato que imprime marcas significativas na constituição e na experiência subjetiva de sua identidade.

Nesse contexto, a identidade parental é profundamente impactada pelas influências do meio familiar, social e cultural. Os pais podem experienciar uma gama de sentimentos ambivalentes, que incluem culpa e impotência por não terem conseguido proteger o filho da morte, tristeza decorrente da perda, vergonha, entre outros fatores. Por outro lado, os filhos, enquanto representantes dos sonhos e idealizações dos pais, ao morrerem, levam junto parte da própria identidade dos pais, o que exige um árduo trabalho psíquico que busque cicatrizar e atribuir sentido a esse ferimento (Reis *et al.*, 2021).

6.1.3 Culpabilização e repercussões psicossociais

Conforme exposto no capítulo anterior, nas sociedades ocidentais, a morte e o suicídio são configurados como temas tabus, diante dos quais predomina uma atitude de negação, tornando-os assuntos que não devem ser verbalizados ou sequer pensados. Nesse contexto, Martins e Leão (2010) refletem sobre os sentimentos de vergonha, constrangimento ou culpa comumente associados ao ato suicida e vivenciados pelos pais. Tal dinâmica pode ser compreendida a partir da concepção social da morte como uma experiência que desencadeia profundo sofrimento no ser humano, especialmente em uma contemporaneidade na qual a felicidade é incessantemente enaltecida, sendo considerada a principal base para a realização de uma vida plena. Assim, emoções relacionadas à angústia, à tristeza e

ao luto tornam-se praticamente inaceitáveis, na medida em que se mostram incompatíveis com os ideais hegemônicos da atualidade.

Feijoo (2021) observa, nesse contexto, uma tendência recorrente nos estudos sobre o tema, que enfatizam os conflitos familiares como fatores desencadeantes do comportamento suicida. Porém, isso pode representar uma forma reducionista de análise e uma tendência cultural à culpabilização. Além disso, também denota um estigma social associado à capacidade dos pais de cuidarem, amarem ou perceberem sinais de sofrimento nos filhos. Ainda de acordo com a autora, essa tendência a culpar a família não apenas intensifica o luto, mas também dificulta o processo de elaboração da perda, gerando sentimentos profundos de culpa, ressentimento, solidão e fracasso. Isso porque o estigma associado ao suicídio reforça a ideia de que houve um erro evitável por parte de quem ficou, desconsiderando a complexidade dos fatores que envolvem o ato suicida.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que, frequentemente, a família - aqui entendida a partir da figura dos pais - busca explicar o ato suicida como resultado de algum fator específico, seja de natureza psicopatológica, social ou outra que possa justificar tal conduta. Essa tentativa de explicação relaciona-se, sobretudo, ao fato de que o comportamento suicida confronta a ausência de sentido vivenciada pelo grupo no qual o indivíduo está inserido, marcada por sentimentos de fracasso, impotência e culpa. Assim, a família experiencia um evento traumático, entendido como um acontecimento de elevada intensidade (Martins; Leão, 2010).

Nesse sentido, Oliveira e Lopes (2008, apud Bittencourt; Quintana; Velho, 2011) refletem acerca do sofrimento decorrente da perda de um filho. Para além da convivência cotidiana, os pais são aqueles que geraram essa figura, estabelecendo com ela uma relação marcada por uma quase dependência. Além disso, o estigma social associado à morte e ao suicídio acabam por exercer influência acerca das crenças apresentadas pelas figuras parentais. Nesse sentido, os autores argumentam que tal evento pode representar, para os pais, a vivência do fracasso - a ruptura de um amor idealizado que, em sua fantasia, seria capaz de curar e proteger, na medida em que aquele que ama não permitiria que nada de adverso acesse o ser amado. Botega (2015, apud Feijoo, 2021) destaca que além do luto decorrente da perda, soma-se um sofrimento adicional, relacionado à culpa por não terem identificado os indícios do comportamento suicida. Há, ainda, familiares

que vivenciam sentimentos de ressentimento, raiva e indignação, dirigidos ao próprio ato suicida.

6.1.4 Parentalidade

A parentalidade, segundo Coelho (2005), é entendida como o fenômeno relacionado à geração e à educação dos filhos, abrangendo diversos níveis: desde as experiências subjetivas do homem e da mulher, até as normas que regem a relação entre eles ao assumirem os papéis e funções de pai e mãe, considerando os distintos contextos culturais e sociais. Para essa autora, “[...] ser mãe ou pai são facetas da identidade pessoal, social, e psicossocial, construídas no exercício da maternidade e da paternidade nas interações sociais” (Coelho, 2005, p. 211).

Do ponto de vista cultural, Quintana *et al.* (2011 apud Reis *et al.*, 2021) evidencia que atribui-se ao papel materno a responsabilidade de garantir a coesão familiar, bem como zelar pela integridade dos filhos, tanto em âmbito físico quanto psíquico. Em contrapartida, ao papel paterno são frequentemente direcionadas exigências relacionadas ao suprimento das necessidades de ordem material, o que, por vezes, resulta em lacunas no campo afetivo. Tem-se então um enfoque no papel da mãe em detrimento do papel do pai, privilegiando fenômenos biológicos e relacionando-os aos papéis sociais, o que torna a concepção, o parto, a gravidez, a amamentação e a relação mãe-filho preditores de um vínculo privilegiado entre mãe e filho, atribuindo maior importância a esse relacionamento (Coelho, 2005).

Conforme Freitas e Michel (2014), ambos os pais expressam questões e sentimentos que envolvem a morte do filho, mas a culpabilização aparece predominantemente no discurso das mães, haja vista que ainda são socialmente vistas como as principais responsáveis pelos cuidados dos filhos, sendo associadas a uma figura protetora, onipotente e onisciente. Diante dessa relação de cuidado, que tende a se intensificar, pode ocorrer uma confusão de percepções e sentimentos, pois as ações maternas são frequentemente percebidas como determinantes para a cura dos filhos. Nesse contexto, emerge um sentimento de impotência e desamparo, especialmente quando essas mães se deparam com a morte, ao perceberem que não conseguem salvar seus filhos.

Assim, Reis *et al.* (2021) evidencia o caráter subjetivo que permeia o processo de elaboração do luto parental. Esse aspecto não pode ser dissociado do contexto cultural em que a perda ocorre, uma vez que os elementos culturais

influenciam de maneira marcante as vivências de pais e mães. Nesse sentido, entende-se que a dor mais intensa costuma ser experimentada pelas mães, percepção que aparece nos estudos dos autores com pais enlutados. Tal compreensão deve considerar tanto os aspectos subjetivos de cada indivíduo quanto os valores culturais que atribuem à mãe o papel central de responsável pelo amor e cuidado dedicados aos filhos. Além desses elementos, destaca-se também o lugar psíquico que os filhos ocupam para os pais, pois os aspectos inconscientes envolvidos na perda impactam, de forma significativa, o modo como cada um elabora o luto.

6.1.5 Estratégias de enfrentamento

Considerando a experiência do luto parental e de sua singularidade, entende-se o surgimento de estratégias de enfrentamento, ou ainda, de recursos utilizados por mães e pais. Dessa forma, a partir dos estudos encontrados evidencia-se as dimensões relacionadas à negação, suporte social, busca de sentido e fragmentação de laços afetivos.

Segundo Damião *et al.* (2009 apud Martins; Leão, 2010), as estratégias de enfrentamento mais frequentes foram as chamadas estratégias de afastamento. Logo, estão relacionadas a mecanismos defensivos, especialmente a negação, em que o indivíduo evita confrontar-se com a ameaça, recusando-se a reconhecer a situação. Além da negação, também evidenciam-se comportamentos de fuga e esquiva, caracterizados pela fantasia de possíveis soluções para o problema, como uma forma de escapar ou evitar o fator estressante.

O suporte social, entendido por Franqueira, Magalhães e Féres-Carneiro (2015) como de grande importância nos momentos iniciais após a perda de um filho, está relacionado ao apoio oferecido pelos grupos sociais de inserção dos pais, como familiares, amigos, grupos de ajuda, entre outros, os quais auxiliam no acolhimento dos sentimentos associados. Porém, com relação a isso, Kovács (2002) demonstra que além de lidar com o próprio sentimento de culpa, o enlutado é muitas vezes colocado sob suspeita pela sociedade como sendo responsável pela morte do outro. Em consonância, Feijoo (2021) destaca o conceito de estigma social associado à responsabilização desses pais diante do ocorrido, o que pode dificultar o processo de elaboração do luto, aumentar a tendência ao isolamento, à culpabilização de si mesmos e à intensidade das dificuldades em falar sobre o assunto.

A busca de sentido, entendida de forma mais abrangente, pode estar relacionada à tentativa de atribuir uma causa ou compreensão sobre as motivações que levaram ao ato suicida (Martins; Leão, 2010). Por outro lado, também pode estar atrelada a tentativa de encontrar um aspecto positivo na experiência da perda, como o aprendizado de algo sobre si ou sobre o que é valioso na vida ou ainda a construção de um significado de crescimento e fortalecimento, o que pode indicar uma elaboração e resiliência no processo (Franqueira; Magalhães; Féres-Carneiro, 2015). Por outro lado, tem-se a vivência da espiritualidade enquanto importante elemento de amparo e busca por sentido, na medida em que sustenta a ideia de que os filhos permanecem vivos em outro lugar melhor (Freitas; Michel, 2014). Além disso, surge também a ideia acerca da figura de Deus como um ser superior e protetor que controla os eventos da vida, o que pode estar atrelado ao fator de aceitação do fato em si (Franqueira; Magalhães; Féres-Carneiro, 2015).

Segundo Ariès (2003 apud Freitas; Michel, 2014) a fragmentação de laços afetivos é vivida através de sentimentos de solidão e silêncio. Esses são os modos pelos quais se experiencia o distanciamento ou a ruptura das relações que faziam parte do cotidiano antes da perda. Pode-se afirmar que essa situação decorre da dificuldade que muitos, na sociedade atual, possuem para lidar com a morte, a qual é considerada um tabu.

6.2 Posvenção ao suicídio

Os países de baixa e média renda concentram a maior parte da carga global de suicídios, principalmente devido à escassez de recursos e à fragilidade das estruturas voltadas para a prevenção e o cuidado em saúde mental. Nessas regiões, há dificuldades significativas para atender à crescente demanda, que abrange desde os cuidados gerais em saúde até os serviços especializados, os quais são frequentemente limitados, de difícil acesso e operam com poucos recursos financeiros (Conselho Federal de Psicologia, 2013). O Brasil, inserido nesse contexto, destaca-se entre os dez países com os maiores números absolutos de suicídios no mundo. Em 2020, foram registradas mais de 13 mil mortes, o que corresponde a uma taxa nacional de 6,6 óbitos por 100 mil habitantes. Além disso, entre 2010 e 2019, verificou-se um aumento das ocorrências de suicídio em ambos os sexos, com as maiores taxas concentradas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Piauí, respectivamente (Brasil, 2021).

Dessa forma, os dados apresentados evidenciam um problema social de grande relevância, principalmente considerando os impactos biopsicossociais relacionados a aqueles que mantinham vínculos próximos aos falecidos, denominados “sobreviventes enlutados” (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022). É neste contexto que surgem as ações, estratégias e intervenções voltadas a esses sobreviventes, conceituadas por Shneidman (1996 apud Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022) a partir da posvenção do suicídio, que tem por objetivo oferecer apoio, assistência e recursos às pessoas afetadas por uma perda por suicídio. Logo, isso ocorre por meio de ações de acolhimento e disponibilização de informações, visando enfrentar as complicações que podem surgir ao longo do processo de luto. Além disso, também busca reduzir os impactos negativos em espaços comunitários, como escolas, igrejas, universidades e ambientes de trabalho.

Segundo Silva (2023) as campanhas desenvolvidas no contexto brasileiro focam, predominantemente, na prevenção do suicídio, como exemplifica o movimento Setembro Amarelo, e não contemplam adequadamente as necessidades específicas das famílias enlutadas, que precisam seguir com suas rotinas e convívio social. Nesse sentido, considerando o âmbito das políticas públicas, o debate sobre a posvenção ainda permanece invisibilizado, evidenciando uma significativa lacuna na capacitação dos profissionais e na divulgação de materiais que orientem as famílias sobre como lidar com crises nesse contexto específico.

Diante disso, torna-se válido analisar e discutir acerca das ações e programas elaborados pelas políticas públicas brasileiras voltadas aos sobreviventes enlutados por suicídio.

6.2.1 Políticas públicas e a posvenção no Brasil

No Brasil, a oferta de suporte ao luto no SUS ainda é limitada e, muitas vezes, subestimada nos protocolos de atendimento. A ausência de diretrizes bem estruturadas e a falta de capacitação dos profissionais dificultam a implementação de estratégias eficazes para acolhimento das famílias enlutadas. Esse cenário reforça a necessidade de investimentos na formação de equipes de saúde, bem como na criação de programas voltados à assistência no luto, garantindo que essas famílias recebam acompanhamento adequado durante esse período de vulnerabilidade emocional (Liberato; Fernandes, 2025). Logo, isso evidencia-se a partir da Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, a legislação brasileira que institui a

Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Seu objetivo principal é estabelecer ações e estratégias para a prevenção desses comportamentos, bem como promover a atenção à saúde mental da população. No entanto, embora essa política represente um avanço significativo no país, seu texto permanece genérico no que diz respeito à assistência, aos cuidados e à atenção destinados aos enlutados por suicídio. Além disso, revela-se frágil ao não indicar, de maneira direta, a criação ou o aprimoramento de programas e/ou serviços no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), relacionados à posvenção do suicídio (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022).

Considerando isso, enfatiza-se a Atenção Básica à Saúde (AB) a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) como principais focos de atenção para investimento público na atuação com sobreviventes enlutados. Assim, a AB representa a porta de entrada no sistema de saúde, caracterizando-se por um conjunto de ações, tanto individuais quanto coletivas, que englobam a promoção e proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde (Brasil, 2017). Segundo Dantas, Bredemeier e Amorim (2022) esse papel exercido pela AB, que tem na Saúde da Família a ferramenta prioritária, pode auxiliar em estratégias de posvenção do suicídio, particularmente pelo caráter de base territorial e comunitária. Por outro lado, na RAPS, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) desempenha o papel estratégico fundamental, sendo responsável pelo atendimento e acolhimento das situações mais complexas relacionadas à saúde mental (Brasil, 2011). Por esse motivo, é indispensável que a RAPS disponha de capacidade técnica e estrutural adequada para lidar com questões vinculadas à posvenção do suicídio (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022).

Por outro lado, observam-se algumas ações de posvenção que são coordenadas pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), o qual oferece diversos serviços à sociedade, incluindo os Grupos de Apoio aos Sobreviventes de Suicídio (GASS). Esses grupos funcionam em São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Novo Hamburgo (RS), Curitiba (PR) e Cuiabá (MT) e são promovidos pelo CVV a partir de reuniões mensais nas quais objetiva-se auxiliar na troca de experiências e oferecer apoio emocional, de forma que os sobreviventes possam conversar abertamente com aqueles que tenham passado por experiência similar (CVV, 2016).

Diante disso, Tochetto e Conte (2022) evidenciam a escassez de publicações sobre a posvenção no Brasil, ressaltando o caráter estigmatizado do tema. Considerando especificamente a posvenção direcionada a pais enlutados por suicídio, observa-se uma expressiva ausência de literatura. Além disso, a pesquisa aponta que o luto por suicídio é menos explorado do que o próprio suicídio e suas ações preventivas, sendo mais recorrentes os estudos que abordam fatores predisponentes. Os autores também destacam a relevância de capacitar os profissionais para lidar com essa temática, uma vez que muitos familiares encontram dificuldades ao buscar apoio na rede de assistência, o que frequentemente resulta em um sentimento de desespero.

Nesse sentido, para que a posvenção do suicídio seja realizada de forma sistematizada no Brasil e consolidada como uma política de Estado, Dantas, Bredemeier e Amorim (2022) colocam a possibilidade de conceber estratégias que sejam integradas aos serviços e programas de saúde já existentes, considerando o potencial da AB e RAPS. Como exemplo tem-se a possibilidade de oferecer apoio e suporte no enfrentamento das questões inerentes ao processo de luto por suicídio, preferencialmente no contexto da comunidade onde os enlutados estão inseridos. Essa intervenção pode ser realizada por profissionais da equipe de Saúde da Família devidamente capacitados. Além disso, considerando a RAPS, tem-se a possibilidade de disponibilizar atendimento aos sobreviventes enlutados por profissionais de saúde mental, priorizando o acolhimento das demandas individuais, familiares e grupais, a escuta terapêutica e o estabelecimento de vínculos. Os autores colocam, ainda, propostas relacionadas à criação de grupos terapêuticos, elaboração de cartilhas e manuais acerca da posvenção nos equipamentos de saúde, orientações sobre questões sociais e legais relacionadas a direitos decorrentes desse tipo de morte, entre outros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto é uma resposta humana esperada diante da perda de um vínculo importante, sendo compreendido como um processo de adaptação, o qual envolve aspectos emocionais, comportamentais, sociais, históricos e culturais. Embora existam respostas comuns, cada indivíduo vivenciará o luto de forma única, influenciada por sua história de vida, pelos vínculos criados e pelo seu contexto.

No caso do suicídio, entendido também como um fenômeno multifatorial, esse processo é ainda mais complexo, em razão de uma morte inesperada e estigmatizada, intensificando o sofrimento dos enlutados, sobretudo ao envolver a perda de um filho. Além da dor causada pela ausência, os pais enfrentam, social e culturalmente, o julgamento e a negação do direito de expressarem seu luto, este sendo caracterizado como traumático e, até mesmo, não reconhecido.

Esse cenário é agravado por uma cultura que, historicamente, vem afastando a morte de seu dia a dia e, com isso, patologizando e reprimindo o sofrimento associado a ela. Há uma tendência cada vez maior em desconsiderar os aspectos subjetivos e socioculturais que atravessaram experiências emocionais intensas, como o luto. A falta de preparo cultural para lidar com a finitude, assim como a desigualdade no acesso a cuidados psicológicos e serviços de saúde que auxiliem nesse processo tornam a vivência do luto ainda mais desafiadora.

A perspectiva Fenomenológica-Existencial demonstrou que o luto parental por suicídio se manifesta como uma crise existencial profunda e destruturante. Essa perda não é apenas a supressão de um ente, mas a ruptura radical do "ser-com" parental, um evento traumático que exige a adequação do *Dasein* a uma nova perspectiva, uma vez que quem parte leva consigo parte do "ser-aí" do genitor. Essa transformação traumática do *Dasein* pode desencadear uma interrupção das possibilidades de *ser-com*, já que o luto não é a própria morte do indivíduo, mas sim a afetação gerada pela finitude do outro. A análise fenomenológica indica que a morte, enquanto possibilidade constitutiva do ser, é a possibilidade mais própria e irremissível que singulariza o *Dasein*, afastando a impessoalidade. Contudo, essa confrontação existencial é subvertida pela quebra do ciclo natural da vida e pela impessoalidade gerada pelo estigma social, o que desvia a angústia para o "temor covarde". Essa fuga se expressa na culpabilização e na autoacusação vivenciada pelos pais, a qual faz jus à visão impessoal da morte na sociedade. A ausência de

uma denominação social para os pais que perdem filhos, por sua vez, reforça a invisibilidade da dor e o estigma.

Entende-se então que luto parental decorrente do suicídio de filhos revela-se como uma experiência muito dolorosa e desestruturante, marcada por intensas repercussões emocionais, sociais e identitárias. Nesse sentido, trata-se de uma perda que rompe a ordem natural da vida, interrompe projetos e expectativas e impõe aos pais uma vivência permeada por sentimentos contraditórios, frequentemente agravados pelo estigma social associado ao suicídio. Nesse contexto, as mães tendem a carregar maior peso de responsabilização, em razão de construções culturais que lhes atribuem centralidade no cuidado. A clínica fenomenológica-existencial assume um papel crucial neste cenário, pois busca ir além do julgamento e da moralização, focando na confirmação da dor para transformá-la em uma outra possibilidade de existência para o enlutado, oferecendo serenidade e paciência para a expressão de seu dizer.

Com relação às estratégias de enfrentamento encontradas, como a negação, o suporte social, a espiritualidade e a busca de sentido, mostram-se fundamentais, embora muitas vezes dificultadas pelo preconceito e pela falta de espaços de acolhimento.

Por fim, a análise evidencia ainda a necessidade de fortalecer ações de posvenção, compreendidas como apoio direcionado aos sobreviventes enlutados pois, apesar da existência de políticas nacionais voltadas à prevenção do suicídio, ainda há lacunas significativas na atenção às famílias que vivenciam essa perda. Por esse motivo, investir na capacitação de profissionais, no fortalecimento da Atenção Básica e da Rede de Atenção Psicossocial, bem como na ampliação de grupos de apoio e materiais de orientação, constitui um passo essencial para garantir acolhimento e reduzir o sofrimento dos pais enlutados.

Logo, conclui-se que a compreensão do luto parental por suicídio exige um olhar atento, ético e contextualizado, que considere o estigma associado ao fenômeno e valorize o acolhimento e a escuta qualificada. Nesse sentido, o enfrentamento da perda demanda uma abordagem sensível e interdisciplinar, comprometida tanto em reduzir o impacto da dor quanto em favorecer a reconstrução subjetiva e social dos enlutados, respeitando a singularidade de cada vivência.

REFERÊNCIAS

- ABU-YAGHI, C. H.; MARQUES, R. G.; GROTHE, V. L. A. O luto antecipatório frente à proximidade da finitude: uma revisão narrativa. **Revista Saúde em Foco**, n. 15, 2023. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2023/05/O-LUTO-ANTECIPAT%C3%93RIO-FRENTE-A-PROXIMIDADE-DA-FINITUDE-p%C3%A1g-245-a-257.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.
- ALARCÃO, A. C. J.; CARVALHO, M. D. B.; PELLOSO, S. M. A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. **Revista Latino - Americana de Enfermagem**, v. 16, p. 341-347, 2008. DOI:10.1590/S0104-11692008000300002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/JYbmHvhHc3jkDgm6bdjCjgp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 out 2025.
- ALVES, A. M. et al. Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 9, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YHWQpRrcnJxSSGYQstLHbGs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.
- ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- MORAIS, S.R.S., and BARRETO, C.L.T. A Psicologia em uma perspectiva fenomenológica existencial: uma breve contextualização. In: SANTIAGO, A.M.S., and FONSÊCA, A.L.B., comp. *Psicologia e suas interfaces: estudos interdisciplinares* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 61-89. ISBN 978-85-232- 2007-5. <https://doi.org/10.7476/9788523220075.0003>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ffd4c/pdf/santiago-9788523220075-03.pdf>
- BATTISTELO, C. Z.; LEAL-CONCEIÇÃO, E. Fenômenos psicológicos envolvidos em pacientes hospitalares oncológicos adultos de longa permanência. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44369/pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.
- BITTENCOURT, A. L. P. QUINTANA, A. M.; VELHO, M. T. A. C. A perda do filho: luto e doação de órgãos. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 4, p. 435-442, out./dez., 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/rrPx3TrVLY5TwsmQ4fPYvQJ/>. Acesso em 20 maio 2025.
- BOWLBY, J. **Perda: tristeza e depressão**. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BOUSSO, R. S. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/QSrvR7YWvLKVGjj5XJ3j8dL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde e Vigilância Sanitária. Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 21 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. **Boletim Epidemiológico**, Brasília, v. 52, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/setembro/20/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 29 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2011. Seção 1, p. 230-232. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 29 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 set. 2017. Seção 1, p. 1. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 29 maio 2025.

CARNEIRO, Letícia Aparecida Dantas; ROCHA, Tiely da Silva Verissimo. **Como o luto traumático pode afetar a saúde psicológica dos pais após a perda de um filho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unirn.edu.br/jspui/bitstream/123456789/928/1/TCC%20-%20PAPE R.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

CASELATTO, G. Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. In: FRANCO, M. H. P. **Uma jornada sobre o luto**: a morte e o luto sob diferentes olhares. Campinas: Livro Pleno, 2002. p. 11-21.

COELHO, S. V. Revendo os papéis na parentalidade: paternidade e maternidade. In: AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E.; COELHO, S. V. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**: fundamentos teóricos e epistemológicos. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2005. v. 1, p. 211-223.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão Sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcgmV6Gf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2024.

COSTA, A. C. B et al. **Quando a despedida não acontece**: orientações sobre o luto em tempos de pandemia. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2022. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/wp-content/uploads/sites/96/2022/04/QUANDO-A-DESPEDIDA-NAO-ACONTECE-1.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

CVV - CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. Você já conhece os grupos de apoio aos sobreviventes do suicídio?. Disponível em: <https://cvv.org.br/voce-ja-conhece-os-grupos-de-apoio-aos-sobreviventes-do-suicidio/>. Acesso em: 31 maio 2025.

DANTAS, E. D. O.; BREDEMEIER, J.; AMORIM, K. P. C. Sobreviventes enlutados por suicídio e as possibilidades para posvenção no contexto da saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KWRnLTx6h5QpHgnshzVZWzy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.

DUTRA, C. C. Fenomenologia e (in)consciência: Husserl, Freud e psicoterapia. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 17, n. 1, p. 44–54, abr. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/tXMKrwmbS3fByVDLjXJmNQS/>. Acesso em: 17 maio 2025.

EARLE-LAMBERT, A. *Those left behind: Heidegger on grief and mourning*. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – McMaster University, Hamilton, 2011. Disponível em: <https://prod-ms-be.lib.mcmaster.ca/server/api/core/bitstreams/121988ca-efe0-45d3-8b0f-dbf5fdb5db2/content>. Acesso em: 10 nov 2025

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. Rio De Janeiro: Ifen, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/40969806/Ana_Feijo_A_escuta_e_a_fala_em_Psicoterapia_ajustado_e_otimizado20191118_75021_nd7tj7. Acesso em: 02 maio 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v24n2/v24n2a06.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FEIJOO, A. M. L. C. Situações de suicídio: atuações do psicólogo junto a pais enlutados. **Psicologia em Estudo**, v. 26, 2021. DOI <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.44427>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qxhP9NhBk9wQcJPnjkgCZJq/>. Acesso em: 2 maio 2025.

FEIJOO, A. M. L. C.; MATTAR, C. M. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 441–447, out./dez. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2025

FILHO, J. F. C.; LIMA, D. M. A. Luto parental e a construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. **Psicologia Argumento**, v. 35, n. 88, p. 16-32, jan./abr., 2017. DOI <https://doi.org/10.7213/psicolargum.35.88.AO02>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/18432>. Acesso em: 15 maio 2025.

FLACH, K.; LEVANDOWSKI, D. C. Por que (ainda) é difícil abordar o luto? Avanços, desafios e perspectivas. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 18, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2024.v18.38202>. Acesso em: 3 maio 2025.

FLOR, T. O. et al. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. **Anais do VI CONAPESC**, Campina Grande, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2021/TRABALHO_EV161_MD1_SA102_ID1931_28092021174857.pdf. Acesso em: 21 set. 2024.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FRANQUEIRA, A. M. R.; MAGALHÃES, A. S.; FÊRES-CARNEIRO, T. O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 3, p. 487-497, jul./set., 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/vv9zXKxYkKWmhKbHzhdcM6K/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2025.

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 8 nov. 2025.

FREITAS, J. L. Luto, *pathos* e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia USP**, v. 29, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2025.

FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, abr./jun., 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/1413-737222324010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/kVYCVNL5nFcJmXDkw6rrcqj/>. Acesso em: 20 maio 2025.

FUKUMITSU, K. O. et al. Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carolina-Abilio/publication/322792019_Posvencao_uma_nova_perspectiva_para_o_suicidio_Postvention_a_new_perspective_for_a_suicide/links/5bcf53754585152b144fa3b0/Posvencao-uma-nova-perspectiva-para-o-suicidio-Postvention-a-new-perspective-for-a-suicide.pdf. Acesso em: 12 maio 2025.

FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre o processo de luto frente ao suicídio. **Revista Psico.**, v. 47, n. 1, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v47n1/02.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

GOTO, T. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**. [s.l.] Pia Sociedade de São Paulo - Editora Paulus, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/28680495/Introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_Psicologia_Fenomenol%C3%B3gica_A_Nova_Psicologia_de_Edmund_Husserl. Acesso em: 23 maio 2025.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e conferências de Paris**: de acordo com o texto de Husserliana I. Editado por Stephan Strasser. Tradução de Pedro M. S. Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

KOVÁCS, M. J. Educação para a Morte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LAGUNA, T. F. S. et al. O luto perinatal e neonatal e a atuação da psicologia nesse contexto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15347/13777>. Acesso em: 4 maio 2025.

LEITE, A. R.; SANTOS, J. A.; BASTOS, A. C. S. B. Luto simbólico e real: a experiência de mãe e de bebês natimortos. **Revista Subjetividades**, v. 23, n. 2. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12731/7178>. Acesso em: 4 maio 2025.

LIBERATO, L. P. C.; FERNANDES, I. T. G. P. Cuidados paliativos, luto e saúde pública: estratégias para o acolhimento e suporte às famílias enlutadas no SUS. **Revista Cedigma**, v. 3, n. 5, p. 4-11, 2025. Disponível em: <https://revistacedigma.cedigma.com.br/index.php/cedigma/article/view/44/57>. Acesso em: 31 maio 2025.

LOSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 18, n. 00, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958/17247>. Acesso em: 21 set. 2024.

LOURENÇO, A. C. T. et al. **A invalidação do sofrimento no luto não reconhecido**. In: III Encontro de Iniciação Científica da FAG, 2022, Paraná. Disponível em:

https://eventos.ajes.edu.br/iniciacao-cientifica-agora/uploads/arquivos/64dac510ea198_A-INVALIDAO-DO-SOFRIMENTO-NO-LUTO-NO-RECONHECIDO.pdf. Acesso em: 4 maio 2025.

MARIA, S. A intencionalidade da consciência em Husserl. Repositorio.ufc.br, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3500>. Acesso em: 25 maio 2025.

MARTÍN, Javier. **La estructura del método fenomenológico**. Madrid: Universidad Nacional De Educación A Distancia, 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235168948_La_estructura_del_metodo_fenomenologico. Acesso em: 22 maio 2025.

MARTINS, F. Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS. Brasília: Ministério da Saúde, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 10 maio 2025.

MARTINS, S. A. R.; LEÃO, M. F. Análise dos fatores envolvidos no processo de luto das famílias nos casos de suicídio. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, Pato de Minas, n. 2, p. 123-135, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasaude/article/view/5053>. Acesso em: 20 maio 2025.

MICHEL, L. H. F.; FREITAS, J. L. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. **Psicologia USP**, v. 30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Wbn98WYm7yrrGC58ychmgyk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.

MINAYO, M. C. S. Suicídio no Brasil: mortalidade, tentativas, ideação e prevenção. **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7yzrw/pdf/njaine-9788575415887-16.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2711-2720, 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900026>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/vxpbmhtx6XJbrZFJHqZPksF/>. Acesso em: 16 maio 2025.

MSAWA, C. T. et al. Os efeitos do luto no cérebro. **Revista Simbio-Logias**, v. 14, n. 20, 2022. Disponível em: https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/os_efeitos_do_luto_no_cerebro.pdf. Acesso em: 3 maio 2025.

NEHME, M. C. *Ser para a morte em Heidegger*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

NUNES, F. D. D. et al. O fenômeno do suicídio entre os familiares sobreviventes: revisão integrativa. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 15, 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4789511&pid=S2177-093X202000020001200018&lng=pt. Acesso em: 10 maio 2025.

OLIVEIRA, S. **Comoção ou luto coletivo? O que sentimos com notícias de morte por Covid?** Grupo Editorial Summus, 2020. Disponível em: <https://www.gruposummus.com.br/blog/comocao-ou-luto-coletivo-o-que-sentimos-com-noticias-de-mortes-por-covid/?srsltid=AfmBOorXQGjUmKQ4nw0FTc_7XRrs-RZ2-bsN2lo8gsGzkSYrciNyJsdAq>. Acesso em: 4 maio 2025.

REIS, C. G. C.; OLESIAK, L. R.; MUNCHEN, M. A. B.; QUINTANA, A. M.; FARIAS, C. P. O luto de pais: considerações sobre a perda de um filho criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.41, n.3, p. 1-16, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-3703003196821>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LRsRfL9D6QkbzBtHHNS5J3h/>. Acesso em: 15 maio 2025.

RIBEIRO, A. V.; ARAÚJO, M. O. de; LIMA, W. G. da S. Luto: uma perspectiva fenomenológico-existencial na clínica psicológica. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 37544–37557, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48049>. Acesso em: 10 maio 2025.

SACILOTI, I. P.; BOMBARDA, T. B. Abordagem ao luto: aspectos exploratórios sobre a assistência de terapeutas ocupacionais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/dCRZv6RwzN8Y3CbhVS6cRXH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2025.

SANTOS, A. L. et al. Transformações do luto: uma análise interdisciplinar de sua evolução e impacto na saúde coletiva. **Revista ft**, v. 27, n.129, 2023. Disponível em: <https://revistافت.com.br/transformacoes-do-luto-uma-analise-interdisciplinar-de-sua-evolucao-e-impacto-na-saude-coletiva/>. Acesso em: 5 maio 2025.

SANTOS, C. V. M. Sofrimento psíquico e risco de suicídio: diálogo sobre saúde mental na universidade. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, v. 11, n. 2, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v11n2/a10.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

SANTOS, P. Entrevista Maria Júlia Kovács. **ComCiência**, n. 163, 2014. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900014&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 10 maio 2025.

SAN MARTÍN, J. (1986), *La estructura del método fenomenológico*, Madrid, UNED.

SCAVACINI, K. Como falar de forma segura sobre suicídio. Instituto Vita Alere de prevenção e posvenção do suicídio, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2019/09/425263625-Como-Falar-de-Forma-Segura-Sobre-Suicidio.pdf>. Acesso em: 10 maio de 2025.

SILVA, L. **Posvenção: políticas públicas voltadas aos sobreviventes do suicídio**. 2023. 35f. Artigo de Graduação (Bacharelado em Psicologia) - Campus Universitário de Miracema, Universidade Federal do Tocantins, Miracema, 2023.

SILVA, L. R. **A influência da religiosidade/espiritualidade no processo do luto gestacional e infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/38196/1/Influ%c3%aanciaReligiosidadeEspiritualidade.pdf>. Acesso em: 3 maio 2025.

SILVA, M. L. A intencionalidade da consciência em Husserl. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, Ano 1, n. 1, p. 45-53, jan./jun. 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3500/1/2009_Art_MLSilva.pdf. Acesso em: 15 out 2025.

SILVA, M. S. M. **“Teclando” com os mortos**: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2004_872a39dc41b599f6d5410c42f3a43ff4.pdf. Acesso em: 1 maio 2025.

SILVEIRA, A. L. R. Ser para a morte, possibilidade existencial e finitude da existência em ser e tempo. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 47, n. 1, p. e0240071, 2024. DOI: 10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e0240071. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14947..> Acesso em: 2 nov. 2025.

SOARES, M. G. B. .; CASTRO, E. H. B. A mãe diante do inesperado: a perda do filho – uma discussão fenomenológica. **Revista Saúde & Diversidade**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–6, 2018. DOI: 10.18227/hd.v2i1.7497. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/hd/article/view/7497>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOUSA, L. E. E. M. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT na Rede**, v. 13, n. 25, 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n25/v13n25a6.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

SOUZA, K. C. V. Interfaces do luto e cultura a partir de uma visão sócio histórica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unirn.edu.br/jspui/bitstream/123456789/928/1/TCC%20-%20PAPE R.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

STEIN, E. Introdução ao pensamento de Martin Heidegger. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; VIANA, L. M. M. O suicídio como questão de saúde pública. **Revista Brasileira Em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 3. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/8565/pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

TOCHETTO, L, D, T.; CONTE, R, F. Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio. **Psi Unisc**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 98–109, 2022. DOI: 10.17058/psiunisc.v6i1.16445. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/psi/article/view/16445>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TORONYAI, G. *On the Personal, Intersubjective, and Metaphysical Senses of Death: An Inquiry into Edmund Husserl's Transcendental Phenomenological Approach to Death*. *Husserl Stud* 40, 67–88 (2024). <https://doi.org/10.1007/s10743-023-09339-3>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10743-023-09339-3>. Acesso em: 8 nov 2025.

VECINO, M. C. *Phenomenology of death: subjectivity and nature in Husserl's genetic phenomenology*, 2021. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1887/3246992>>. Acesso em: 4 jun 2025.

VENÂNCIO, Mônica.; OLIVEIRA, Cristiane. A patologização do luto: uma revisão dos manuais diagnósticos e estatísticos de transtornos mentais. *In*: II Congresso Brasileiro de Psicologia Jurídica e Forense, 2018, Curitiba. Disponível em: <https://cbpsifae.fae.edu/cbpsi/article/viewFile/50/49>.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, v. 26, n. 1, p. 97–113, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2025.

ZILES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jun 2025.